

POLÊMICA

Descoberta de índios cria conflito de terra em RO

Funai prepara pedido de interdição de área; para fazendeiros, não existe índio isolado no Estado

PABLO PEREIRA

O novo presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Márcio Santilli, designado pelo ministro da Justiça, Nelson Jobim, para o comando de um órgão sucateado, vai assumir as funções na terça-feira com uma grande polêmica para administrar. A Funai acaba de fazer a mais importante descoberta de um grupo de índios isolados, em terras particulares, nos últimos dez anos no sul de Rondônia, segundo Marcelo Santos, chefe do Departamento de Índios Isolados. Para os fazendeiros da região, tudo não passa de uma farsa.

Na semana passada, no município de Corumbiara, uma equipe da Funai fez o primeiro contato oficial com sobreviventes de uma tribo de etnia e língua ainda desconhecidas. O Estado acompanhou a expedição. Em uma pequena aldeia com duas palhoças, foi encontrado um grupo que pode chegar a quatro pessoas — um homem, duas mulheres e uma criança.

Localizada na mata de uma reserva florestal entre fazendas de gado, a aldeia e uma roça reacenderam uma polêmica judicial que se arrasta desde 1985, quando surgiram os primeiros vestígios de índios na região. A Funai prepara um pedido de interdição da área para preservar o grupo. Os fazendeiros



Casal de índios isolados

afirmam que os índios foram levados para a área pela própria Funai e rejeitam a medida.

Depois do conflito entre policiais militares e posseiros, há um mês no mesmo município, a descoberta de índios isolados na região e a possibilidade de intervenção da Funai caíram como um petardo sobre os proprietários de terras. Dez dias antes do contato entre os técnicos da Funai e os índios, a situação na área já era tensa.

Há dois meses, depois de encontrar indícios de que o grupo se preparava para plantar, aproveitando a estação seca para roçar, o sertanista Marcelo Santos decidiu fazer a aproximação. A intenção era "preservar a vida do grupo, ameaçado pela derru-

bada da floresta e pelas queimadas". Tudo culpa dos fazendeiros, segundo o sertanista.

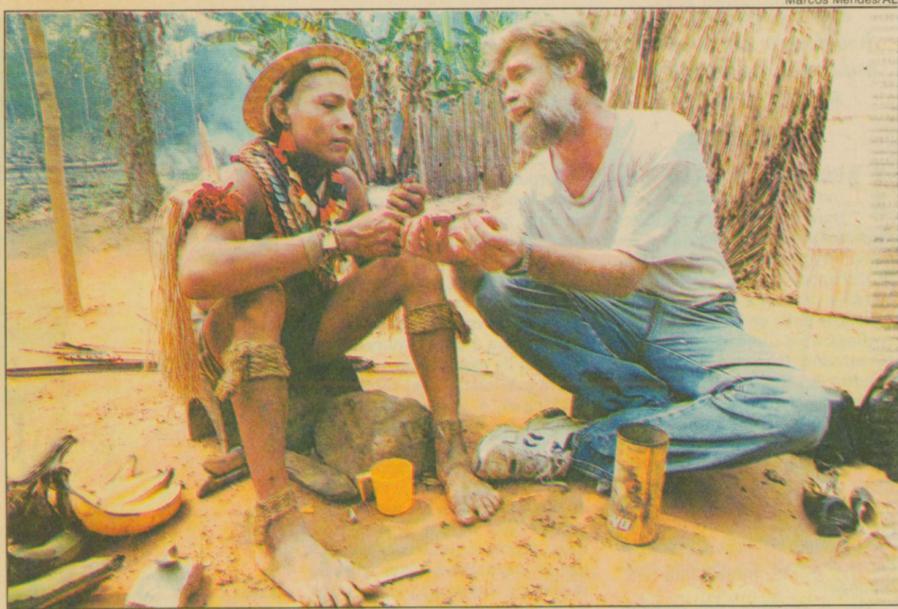
A primeira expedição para reconhecimento da área, no começo de agosto, acabou encontrando a roça. Dia 21, o juiz federal Carlos Alberto do Vale Madeira, de Porto Velho, respondeu a uma ação civil pública, impetrada pelo Ministério Público Federal, concedendo liminar para o trabalho da equipe nas fazendas.

Mesmo com um mandado judicial em mãos, o sertanista teve de aguardar dez dias para entrar na mata. A operação envolveu uma oficial de Justiça, enviada de Porto Velho, e agentes da Polícia Federal da Delegacia de Vilhena.

Diante da ausência dos proprietários das fazendas, que não foram encontrados para notificação da medida, a Funai acionou novamente o procurador-geral da República, Osniir Belice, de Porto Velho. Belice foi taxativo. "Se houver qualquer tentativa de impedir o trabalho, vou pedir ao juiz que determine a quebra dos cadeados dos portões."

Na sexta, depois de ser informado do sucesso da expedição, Belice voltou a bater duro. Depois de receber a visita do advogado Odair Flauzino Moraes, representante de proprietários citados na ação civil, avisou: "Qualquer destruição do que foi encontrado pode acabar provocando um pedido de prisão preventiva."

Flauzino viajou de Vilhena a Porto Velho para reclamar da ação de Marcelo Santos, argumentando que os índios teriam sido levados para a área há dez anos. Ouviu de Belice que a desconfiança era recíproca. "Se vocês desconfiam dele, Marcelo desconfia que vocês querem acabar com os índios." Flauzino voltou para Vilhena elogiando a franqueza de Belice e afirmando que quer diálogo.



Sertanista Marcelo Santos, da Funai, presenteia um índio com canivete, caneca e facão: boas-vindas

Equipe passou três noites na mata até chegar à aldeia

Após minutos de curiosidade, mulher índia espanta espíritos e recebe o grupo

Durante três dias e três noites o Estado acompanhou a equipe do Departamento de Índios Isolados da Funai em Rondônia, numa aventura que mais parecia penitência. Um interminável convívio com mutucas, abelhinhas, formigas e carrapatos. Dezenas, por todo o corpo. Na mesma panela, arroz com macarrão. O grupo percorreu 18 quilômetros. A pé, na mata.

Dormindo em redes ao relento e atazanada pelos mosquitos de fim de tarde, a equipe seguiu a trilha de índios isolados nas matas de Corumbiara.

Acostumados às agruras do ofício na selva, os funcionários da Funai não fazem conta de caminhar 6 quilômetros na floresta, parando apenas para beber água. A marcha, em dias quentes e secos, é de um quilômetro caminhado por hora. A temperatura média na região nessa época é de 26 graus. Durante o dia, chega fácil aos 30 graus. Dentro da floresta, sem vento, a sensação é de abafamento.

Nas áreas de solo plano predomina a mata limpa. Entre troncos de mognos, cerejeiras, jatobás e palmeiras, que chegam a superar um metro de diâmetro, a vegetação é rala.

Mas, nas encostas de córregos e igarapés, a situação é outra. É mata 'suja'. Crescem plantas de folhas largas, com menos de um metro de altura. Surgem cipós entrelaçados, muitos com a espessura de um braço. É a hora do facão.

Na frente, empunhando uma lâmina de 40 centímetros, segue Altair Algaier, 26 anos, 3 deles no mato, a serviço da Funai, abrindo a picada. Quando perde o rumo, a bússola que leva no bolso dá o Norte.

Caminhando na floresta, índio não corta, quebra. Perceber pequenos galhos retorcidos é uma especialidade de Alemão. Descendente de imigrantes alemães de Santa Catarina, há dez anos foi morar em Rondônia com os pais.

O local escolhido para o primeiro acampamento, depois de 6 horas de caminhada, fica à beira de um córrego de água limpa. As redes são armadas antes do cair da tarde. Pequenas abelhas comem a se acumular sobre as roupas molhadas pelo suor.

A única forma de fugir delas é o banho no riacho. Altair se apressa em cozinhar. Arroz e macarrão com água do córrego. Na mesma panela. Depois, o cafezinho. Solúvel. A noite chega.

Após um sono agitado, os gritos das araras na copa das árvores trazem o amanhecer de domingo. O café com bolachas é rápido. O grupo retoma a trilha. Surgem novos sinais da presença dos índios. Um pau de mel. Os índios derrubam a árvore para extrair os favos do alto do tronco.

A manhã vai alta, passa das 9 horas. Aparece a roça. As árvores estão derrubadas e já foi feita uma primeira queimada. "Tem no máximo um hectare", explica o técnico da Funai. Não há ninguém na roça.

Uma palhoça, construída com madeira, bambu rachado, folhas de palmeira e cipó, está fechada. Ao redor dos troncos pequenas covas com sementes de milho e mamão. Altair encontra mudas de cará.

Dentro da palhoça, os objetos sugerem a presença de um grupo de três adultos e uma criança. São três pequenos montes de cinzas. Separados. "O arco é pequeno e pode ser de uma criança", arrisca Marcelo Santos.

Espigas de milho, flautas de bambu, espadas de madeira, abanos e duas esteiras. Num canto, um pilão. A equipe deixa presentes. Um facão, uma faca e linha de pescar.

Na trilha que sai da roça para a aldeia, encontram um tapiri. É uma espécie de trincheira, com palha de palmeira, para surpreender a caça. Bananeiras no fim da picada e vozes anunciam a chegada à aldeia.

Começa o contato. O sertanista grita: "Oh! oh! amigo, amigo." Silêncio. Ouve-se barulho na mata. Vozes de mulher. Marcelo recua na trilha e fala em retirada. Mas resolve esperar. Surgem no alto de um barranco dois índios. É um casal. Com arcos e flechas. Parecem nervosos. Só descem do barranco quando os visitantes jogam no chão os objetos que carregam. A mulher toma a iniciativa. Espanta os espíritos à beira do córrego que separa a aldeia da mata e se aproxima, seguida pelo homem.

São minutos de curiosidade e expectativa. Aceitos, os brancos são convidados a entrar na aldeia. Sentados fora das casas, recebem banana e mamão. Os índios vestem calções e têm colares de rodela de plástico. "Encontram isso em acampamentos abandonados por madeireiros ou quando atravessam os pastos das fazendas", explica Marcelo.

O índio se encanta com a pulseira de Marcelo. "Pronto, lá se vai meu relógio", brinca o sertanista. Além do relógio, são oferecidos a ele um canivete, um facão e uma caneca de plástico. Para a índia, facas e uma fitinha do Senhor do Bonfim, que logo é amarrada junto aos adornos de casco de tatu, no punho. "Taturé-ipó", diz ela, mostrando a pulseira. O fogo na roça ao lado das casas aumenta de repente. O homem aponta as labaredas e diz: "linê."

MIRASSOL DO OESTE, no Mato Grosso. A madeira é vendida para madeireiros, que arcam com as despesas da retirada e transporte. De acordo com Denes, o volume de madeira retirado da propriedade este ano deve chegar a 1.500 metros cúbicos. "Isso é pouco", afirmou. "Toda a madeira retirada da fazenda obedece às normas legais exigidas pelo Ibama", disse.

A Modelo foi comprada do fazendeiro Moisés de Freitas, em 1983, pelo avô de Denes, Manoel Gouveia. "Somos sítantes naquela área", disse Denes, comparando a Modelo com as terras de vizinhos. Segundo ele, a Modelo pode ser considerada pequena em comparação com áreas como as de Antenor Dupre e Geron Maia, na mesma região.

Fazendeiros acusam Funai de farsa

Segundo proprietários de terra, funcionários do órgão levaram índios para a região há 10 anos

A localização de índios isolados pela Funai nas reservas florestais de fazendas em Rondônia, na última semana, é uma farsa. Esse é o argumento de proprietários de terras da região. Para os fazendeiros, a Funai levou índios para a área há dez anos.

Os índios encontrados pelo sertanista Marcelo Santos seriam aqueles deixados na mata pela Funai. O advogado Odair Flauzino Moraes levou essa versão ao procurador-geral da República na quarta-feira. Ele representa as famílias Fontes, Gouveia e Feldmann, proprietários de terras na região, todos ci-

tados na ação judicial que autoriza a Funai a entrar na área.

Esse argumento tenta desqualificar a expedição chefiada pelo sertanista Marcelo Santos, em Corumbiara. O fazendeiro Denes Gouveia, um dos donos da Fazenda Modelo, propriedade incluída na liminar, afirmou sexta-feira que desconhece a presença de índios na área.

"Isso é um equívoco", declarou Denes pelo telefone de uma das fazendas da família, em Goiás. "Não tenho conhecimento disso."

Dividindo uma área de 10 mil hectares com outros três familiares, Denes explicou que a propriedade produz gado e madeira. Segundo o fazendeiro, que tem terras também no Mato Grosso, a Modelo tem 2.500 cabeças de gado de corte nelore. Essa produção é vendida para frigoríficos de Cacoal, em Rondônia, e

TELE VENDAS

0800-118999

Dá a dica

SINTONIZE OS PREÇOS E PROGRAME A STILL!

PAGAMENTO **TODO DIA 20**

HORÁRIO DE ATENDIMENTO
Dom. e 6ª Das 8:30 as 20H
Sab: Das 8:30 as 13H

ENTREGA GRATUITA:
ESTADO DE SÃO PAULO, SUL DE MINAS, TRIÂNGULO MINEIRO



29" ESTÉREO
UHF/VHF/CATV
PAL-M/PAL-N/NTSC

A vista **799,00**
ou (1+3) de **237,00**
Total a prazo **948,00**

10 peças

TV CCE HPS-2980

- Estéreo e SAP
- Instruções na tela
- Recepção de até 110 canais
- Timer programável

cce

Garantia 3 anos



VIDEOCASSETTE CCE VCR-40X

- Timer Programável 8 eventos (1 ano de antecedência)
- Chaveamento automático PAL-M/NTSC
- Sistema autolimpante das cabeças
- On Screen Display

Garantia 2 anos

A vista **299,00**
ou (1+3) de **89,00**
Total a prazo **356,00**

15 peças

cce



5" UHF/VHF PAL-M/PAL-N/NTSC AM/FM

15 peças

TV PORTÁTIL CCE TVP-55

- TV a cores
- Entrada áudio e vídeo
- Controle de ajuste de cores

A vista **299,00**
ou (1+3) de **89,00**
Total a prazo **356,00**

Garantia 1 ano

cce

CONHEÇA
STILL GAMES
MARCADO E VALER

Rua Santa Helena, 344 - Fone: 222-1407

STILL ELETRÔNICOS

Ofertas disponíveis também nas lojas

- Rua Santa Ifigênia, 364 e 486
- Shopping Penha, Lj. 2214